



## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

### “Ode Triunfal” - Álvaro de Campos

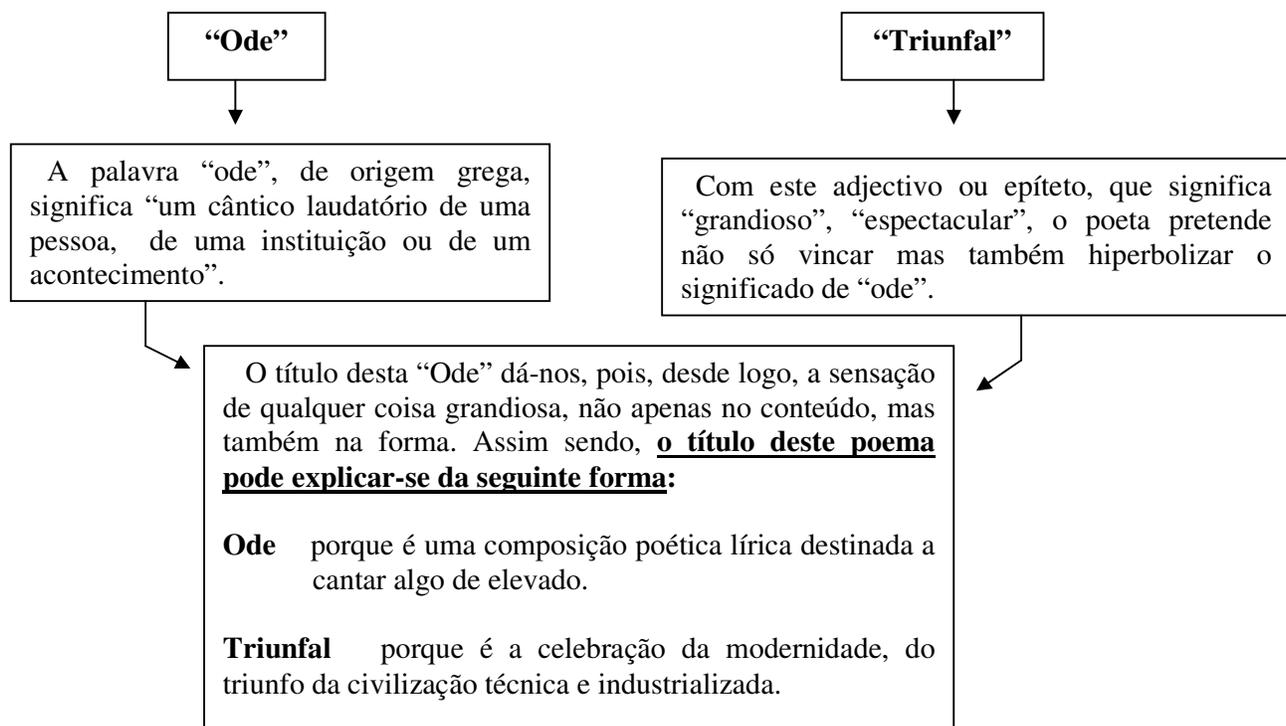
#### 2.ª fase: O Futurismo e Sensacionismo

##### 1. Orientações de Leitura do Poema

- A **estética não aristotélica** (estética da força, em oposição à estética da beleza) realiza-se em textos eufóricos, triunfalistas, sensacionistas, cantando o espasmo da vertigem das sensações providas das máquinas, das realizações da técnica industrial e dos ruídos das multidões.
- A. Campos pretende “*sentir tudo de todas as maneiras*”, por isso transporta para este poema toda a gama de sensações, mesmo as que provêm de grupos marginais. Todavia, a sua atitude transbordante não esconde a manifestação de uma crise, que é, de certa maneira, a doença da civilização moderna. Daí os aspectos negativos ironicamente focalizados.
- É necessário distinguir neste texto aspectos de modernismo, de sensacionismo e de futurismo.
- É possível distinguir neste texto, apesar da sua extensão, uma **introdução**, um **desenvolvimento** e uma **conclusão**.
- O tempo merece também uma atenção especial, já que são anuladas as fronteiras entre passado, presente e futuro. O presente é o instante, a concentração de todos os tempos.
- É, ainda, necessário distinguir, neste poema, 2 forças:



##### 2. Título e Conteúdo do Poema



### 3. Espírito do Poeta face ao mundo da grande técnica moderna – influência de Pessoa-ortónimo

↳ Ideal de A. Campos neste poema = “*sentir tudo de todas as maneiras*”; sentir tudo numa “*histeria de sensações*”; sentir tudo e identificar-se com tudo, mesmo com as coisas mais aberrantes [*“Ah!, poder exprimir-me todo como um motor se exprime! / Ser completo como uma máquina!/(...) / Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto, / Rasgar-me todo, abrir-me completamente, (...)/ A todos os perfumes de óleos e calores e carvões(...)*], vv.26-31]

↓

Todo o prazer do poeta está, pois, em revelar-se como um “monte confuso de forças”, um “*eu*” universo donde jorra a volúpia sensual de ser tudo, uma espécie de “prostituição febril às máquinas”.

Este ideal é o oposto do ideal da estética aristotélica, que punha toda a ênfase na ideia da beleza, no conceito do agradável, no equilíbrio comandado pela inteligência.



Na poesia de Campos, em vez da bela harmonia clássica saída da clara inteligência, há a caótica força explosiva saída de um subconsciente em convulsão. A sua poesia revela-se, assim, como um novo processo de descompressão do subconsciente de Pessoa, sempre torturado pela inteligência, pela “dor de pensar”.

#### *Aspectos onde se pode verificar a influência de Pessoa-ortónimo:*

- na visão irónica da outra face da sociedade industrial (visão negativa). Ao longo do poema, há um desfile irónico dos escândalos da época: a desumanização, a hipocrisia, a corrupção, a miséria, a pilhagem, os falhanços da técnica (desastres, naufrágios), a hipócrita harmonia entre marido e mulher, etc. Nesta enumeração pode entrever-se o substrato céptico da inteligência torturada de F. Pessoa;
- na evocação nostálgica da infância (“*Na nora do quintal da minha casa... /(...)/Pinheirais onde a minha infância era outra coisa/ Do que eu sou...*”);
- no facto de haver uma tendência para a ficção. Se se reparar bem, o entusiasmo da civilização industrial assume, em Campos, aspectos de um certo masoquismo sádico (“Atirem-me para dentro das fornalhas!”, que se orienta mais para a criação de sensações novas e violentas (*Sensacionismo*), do que para a exaltação das máquinas. Relativamente a este aspecto convém não esquecer que F. Pessoa subordinava tudo à criação literária.

### 4. Traços do real que envolve e quase submerge o sujeito poético

♦ “*lâmpadas eléctricas da fábrica*”  
♦ “*rodas, engrenagens*”

♦ “*das máquinas e das luzes eléctricas*”;  
♦ “*correias de transmissão (...), êmbolos (...), volantes*”

Trata-se, pois, de um ambiente moderno, mecânico, dominado pela técnica e pela evolução industrial.



Comparando com o “real” de Caetano, podemos afirmar que aqui a natureza é substituída pela visão do mundo moderno e “supercivilizado”, com o qual o sujeito poético estabelece uma estranha ligação, eufórica e exaltada, mas revelando, também, um erotismo frenético e quase doentio.

### 5. Percepção do real pelo sujeito poético

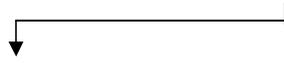
O modo como o sujeito poético percebe o real, baseia-se num excesso de sensações: “*(...) excesso / De expressão de todas as minhas sensações*”

- **Visuais:** forma – “Ó rodas, ó engrenagens (...)”; luminosidade – “À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas (...)”; movimento – “Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes”.

- **Auditivas:** “(...) r-r-r-r-r eterno!”, “De vos ouvir demasiadamente de perto”; “Rugindo, rangendo (...)”, v. 24;
- **Olfactivas:** “A todos os perfumes de óleos e calores e carvões”.
- **Gustativas:** “Tenho os lábios secos (...)”;
- **Tácteis:** “Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.”

## 6. Aspectos relacionados com a linguagem e com o estilo (o “excesso das sensações” determina o “excesso da expressão”)

Álvaro de Campos apresenta um estilo desordenadamente torrencial, mas expressivo das convulsões da alma.



O sujeito poético surge-nos neste poema como cantor de uma civilização industrial. A fábrica aparece como motivo inspirador, que, ao mesmo tempo, o atrai e o enfraquece: “À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica /Tenho febre e escrevo./ Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto...”.



As expressões “dolorosa luz”, “tenho febre”, “rangendo os dentes”, traduzem o estado nevrótico do poeta, ou seja as perturbações do seu sistema nervoso.



Há, portanto, da parte do poeta, um sentimento de repulsa (“fera para a beleza disto”) e de paixão pela vida moderna, pela civilização industrial: “Ah, poder exprimir-me todo como um motor.../ Ser completo como uma máquina!”.

São notórios em “*Ode Triunfal*” os seguintes aspectos ao nível do estilo:

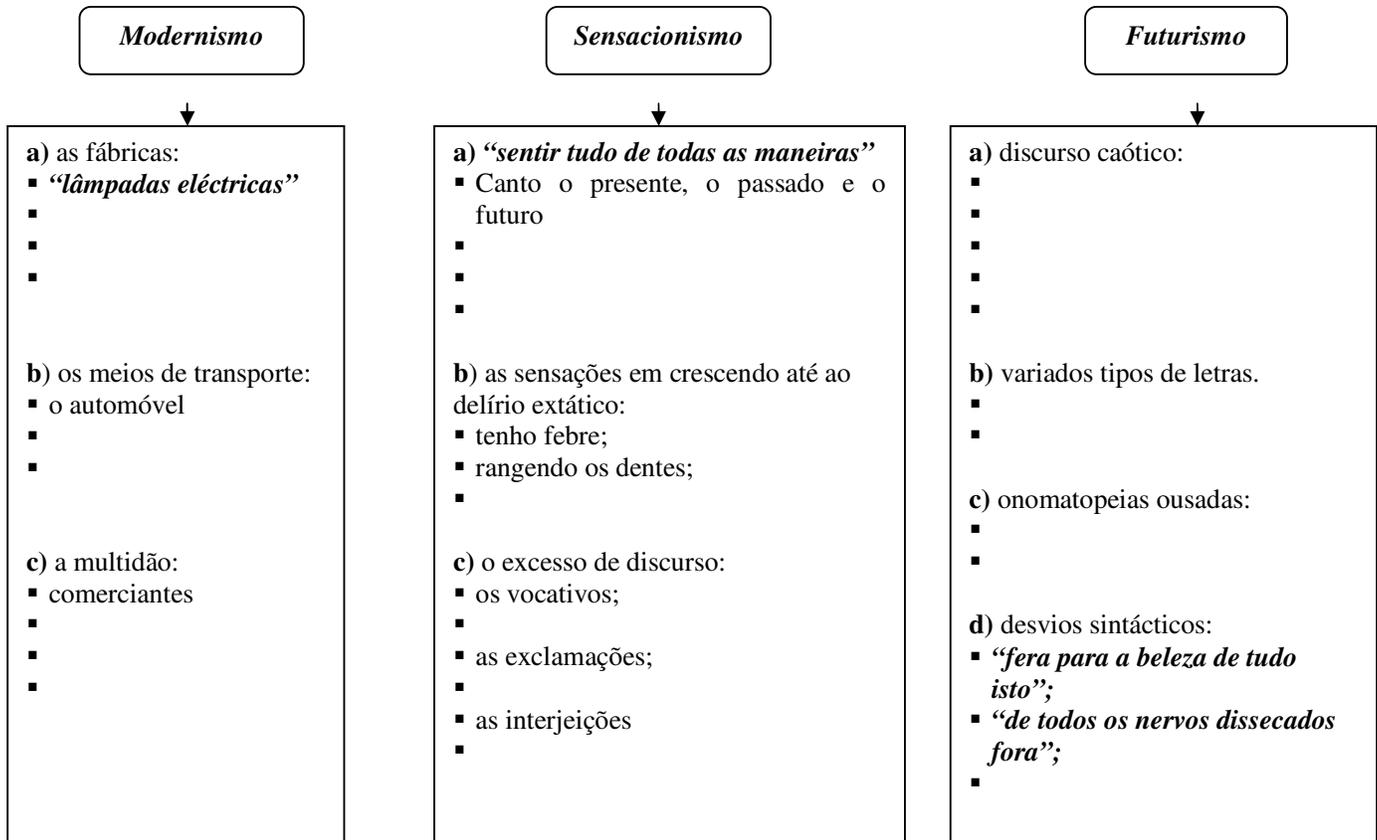
- tendência contínua de humanizar as máquinas: “*Grandes trópicos humanos de ferro, fogo e forças*”; “*E há Platão e Virgílio dentro das máquinas*”; “*exprimir-me como um motor se exprime*”, etc;
- o uso da ironia, para exprimir a face negativa da civilização industrial. Eis algumas frases com um **expressivo** sentido irónico:
  - “*escrocs exageradamente bem vestidos*”: além da ironia, está aqui presente a **antítese** entre a compostura exterior (vestuário) dos *escrocs* e as suas intenções;
  - “*Chefes de família vagamente felizes*”: o advérbio “vagamente” projecta sobre a felicidade dos chefes de família a sombra do cansaço (fartos de viver);
  - “*Banalidade interessante.../ Das burguesinhas.../ Que andam na rua com um fim qualquer*”: de assinalar são a palavra “burguesinhas” e a expressão “com um fim qualquer”, já que mostram a existência de uma **antítese** entre o aspecto exterior das burguesinhas (diminutivo irónico) e as suas obscuras intenções;
  - “*A maravilhosa beleza das corrupções políticas, / Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos*”: a adjectivação antitética assume aqui a forma de **oxímoro**.
- outras **antíteses** presentes no poema são:
  - “*tudo o que passa e nunca passa*”: exprime a concentração do passado no presente, ou a continuidade dos acontecimentos do dia-a-dia.;
  - “*O ruído cruel e delicioso da civilização de hoje*”: antítese que reflecte os sentimentos contraditórios do poeta em relação à civilização industrial.
- presença de **metáforas** e **imagens** expressivas, tais como:
 

<ul style="list-style-type: none"> <li>“<i>Arde-me a cabeça de vos querer cantar</i>”;</li> <li>“<i>Grandes trópicos humanos de ferro, fogo e força</i>”</li> <li>“<i>Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável</i>”</li> <li>“<i>Nos cafés, oásis de inutilidade ruidosas</i>”</li> <li>“<i>Quilhas de chapa de ferro sorrindo</i>”</li> </ul>	}	<p>através destas imagens e metáforas, o sujeito poético mostra a forma como vibra com as coisas da civilização industrial (com a fúria do movimento das máquinas, com a excessiva quantidade de carvão). Além disso, dá também uma imagem muito negativa dos cafés, com ruídos inúteis; apresentando, ainda, a imagem dos navios ancorados: “quilhas de chapa de ferro sorrindo”.</p>
---	---	--
- A nível do estilo, podem destacar-se ainda:
  - as frases exclamativas e as repetições.

- as onomatopeias, relativas aos ruídos das máquinas;
- as aliterações: “*de ferro e fogo e força*”; “*Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa*”
- as interjeições e o ritmo rápido e excessivo.

## 7. Marcas de *Modernismo*, *Sensacionismo* e *Futurismo* presentes nesta “Ode”

⇒ Faz o levantamento dessas marcas e completa o esquema que se segue:



## 8. “*Ode Triunfal*”: uma ruptura com a lírica tradicional portuguesa

**Ruptura a nível formal:** irregularidade estrófica, métrica e rítmica; uso excessivo da coordenação; catadupa de figuras de estilo (onomatopeias ousadas, apóstrofes e enumerações exageradas), discurso caótico...

**Ruptura a nível do conteúdo:** o uso de palavras completamente prosaicas (comuns ou vulgares); o canto excessivo da civilização industrial; a ousadia de tocar em alguns aspectos negativos da sociedade, etc.